

ORIENTE E OCIDENTE

OS DESTINOS DAS NAÇÕES

Annie Besant

Maio de 1915

Theosophical Publishing House, Adyar, Chennai [Madras], Índia

ORIENTE E OCIDENTE

Nesta, “ORIENTE E OCIDENTE”, e em outra palestra intitulada “OS DESTINOS DAS NAÇÕES”, que segue depois, proponho tratar da construção da história de um modo que me parece gerar muito maior interesse do que aquele que alguém poderia ter estudando-a nos livros de história comuns. Aqui daremos uma visão mais geral, enquanto que, na palestra seguinte, especializaremos. Consideraremos as premissas que subjazem a este conflito no Extremo Oriente, e os vastos resultados que se seguem aos triunfos bélicos do Japão. Pois temos diante de nossos olhos uma grande lição, e neste século XX, como nos disse H.P. Blavatsky, alguns acertos de conta importantíssimos entre as nações do leste e do oeste serão realizados. Por causa disto, desejo levar algumas mentes pensantes a uma visão mais profunda das ações dos homens que desempenham grandes papéis no drama mundial que chamamos história, para que em vez de olharem para os eventos da vida comum entre as nações como se eles fossem de fato guiados por governantes e estadistas, possamos aprender a entender que o drama das nações tem um Autor que o escreve, e que os atores desempenham os papéis para os quais se prepararam no passado; os atores atuam na história do mundo, e não a criam.

Porém, a fim de apresentar esta visão da vida, e tornar inteligível parte do argumento que desejo submeter-lhes, devo definir o que eu quero dizer aqui com “ideais”. Quero dizer as idéias dominantes expressas nas civilizações, sendo conformadas e moldadas às idéias ou ideais dominantes, as visões sobre valores da vida, que governam as mentes das nações envolvidas. E digo ideais “orientais” e “ocidentais” porque a diferença entre eles, e sua utilidade na evolução da humanidade a longo prazo, devem ser entendidas se acompanharmos corretamente os atos do drama mundial. E temos que entender que no presente estado das coisas há então um nítido sobrecarregamento em um equilíbrio que havia ficado frágil demais e estava forçando romper o prumo, de modo que a humanidade estava ameaçada de uma perda de ideais vitais para seu pleno desenvolvimento. Não é que eu queira colocar os ideais do Oriente e do Ocidente em antítese. Antes, quero mostrar que ambos são necessários na grande evolução da humanidade, e que havia um perigo nos últimos anos de que os ideais orientais pudessem perecer. Para que a humanidade não fosse assim privada de parte de sua riqueza de ideais, se tornou necessário refazer o equilíbrio entre Oriente e Ocidente, entre Europa e Ásia. Esta recomposição só poderia ser feita sustando a marcha imperialista da Europa, e devolvendo à Ásia um pouco de sua antiga independência. Assim, observando o presente conflito, seja

nossas simpatias estejam com uma ou com outra, é prudente que entendamos os princípios mais profundos envolvidos, e ler com os olhos da sabedoria antes que com os da paixão as páginas da história agora se abrindo diante de nós.

Eu disse não querer colocar estes dois ideais em conflito. Não obstante, em alguma medida, este conflito foi inevitável; e é, imagino, tarefa do estudante da Sabedoria Divina tentar sentir a paz no meio dos combates, e fixar seus olhos firmemente na meta a ser atingida, para que seus pés não se falseiem com o turbilhão do momento. Se olharmos para trás, para o século XIX, perceberemos que mais e mais o Ocidente estava dominando o Oriente – primeiramente por conquistas, mas em enorme grau pela disseminação do pensamento e da civilização ocidentais que se seguiam às ondas de conquistas. Vimos que nas terras orientais os antigos ideais tendiam a desaparecer. Que eles não tivessem aberto largo caminho na Europa era de somenos importância; mas que fossem ameaçados de morte no próprio solo natal era um perigo real para a humanidade. À medida que as armas e o comércio se espalharam, o pensamento ocidental começou a reivindicar primazia entre as nações orientais, e mais rápida e perigosamente porque estava associado com a espada conquistadora, com o crescimento do poderio militar. Algumas conquistas no Oriente foram muito definitivas em sua natureza, como a da Índia pela Inglaterra; outras, mais ou menos provisórias, mas não obstante eficazes. E a Europa começou a considerar a Ásia como sua herança natural, de modo que a política asiática devia ser dirigida, os interesses asiáticos controlados, não pelo benefício dos povos asiáticos mas para o enriquecimento da Europa. Isto era feito principalmente sob o disfarce de interesses comerciais; mas os interesses comerciais eram os interesses comerciais do Ocidente, procurando descobrir para si mesmo novos mercados e maior expansão. Ninguém perguntou, quando questões do porto livre e coisas assim foram discutidas, se a nação oriental envolvida se beneficiaria em seu comércio com a intrusão da rivalidade ocidental; ninguém perguntou se as indústrias orientais poderiam enfrentar sem perigo de destruição o choque brutal da competitividade do ocidente; ninguém jamais sonhou em considerar, nos muitos debates que tiveram lugar nos parlamentos da Europa em relação aos assuntos da Ásia, se estas nações orientais ficariam melhores, mais felizes, mais ricas, com a imposição sobre elas de bens pelos quais não pediram. Tudo o que foi considerado foi a questão do mercado para a Europa, e os países europeus brigaram entre si por vantagens entre os povos orientais. A competição comercial não foi entre a Europa e a Ásia, mas entre nações européias plantadas em solo oriental sem o consentimento dos naturais proprietários da terra. As guerras sempre foram iniciadas a fim de forçar a abertura de mercados nas nações asiáticas, as guerras freqüentemente começaram por povos que fecharam seus próprios mercados contra os bens estrangeiros. Todas as considerações que aqui eram vistas como restritivas foram inteiramente abandonadas ao tratar com os povos orientais, e a China, por exemplo, foi compelida admitir em suas terras bens estrangeiros que não pediu, e mesmo detestou, enquanto que, por outro lado, a maioria das nações ocidentais preservou-se com taxas e legislação contra a competição dos bens e trabalho chineses. Toda a tendência dos negócios era em direção à completa submissão do Oriente ao Ocidente, e isso acarretaria a morte dos ideais orientais, e a sua substituição pelos ocidentais.

Mas esta substituição de ideais até agora fez só pouco progresso. É claro, na Índia, em alguma medida encontra-se uma substituição de ideais orientais por ocidentais entre certa classe da população. Um bom número de jovens educados à inglesa dentre os indianos aceitaram entusiasticamente os ideais que são correntes no Ocidente, mas a grande massa do povo indiano ainda não foi afetada. Não somente a população rural e artesã, mas também a população rica com a cultura do pensamento e literatura orientais, permanecem não afetadas. Mas devemos lembrar então que as classes afetadas são as mais energéticas, são as que têm maior poder de influenciar a atividade do país, se não seu pensamento. Assim eles superestimam sua importância. Os números são comparativamente pequenos, mas o peso do poder de pensamento, aguda

inteligência e penetrante entusiasmo por trás desse grupo contam muito no final.

Na China e no Japão as coisas correram de modo um pouco diferente. O Japão tem a vantagem que a Inglaterra também possui, a de ser um império insular. Isso o tornou capaz de viver dentro de suas próprias fronteiras, ao mesmo tempo que poderia trazer para dentro de si qualquer coisa que quisesse das terras ocidentais. A ocidentalização do Japão a um tempo pareceu quase completa, e foi este triunfo dos ideais ocidentais que tornou o rebalanceamento absolutamente necessário. Pois com a completa ocidentalização do Japão haveria uma grande reação sobre as outras nações orientais, e o Japão, recebendo todos os seus ideais de vida da Índia – como foi bem assinalado por um de seus principais escritores – teria sido um fator poderoso na ocidentalização da Ásia, se tivesse abandonado completamente estes ideais. A China, afetada em sua fronteira marítima, de modo algum foi afetada em suas regiões interiores. Lá ela preservou seus antigos ensinamentos e sua antiga moralidade, mas houve uma dúvida, se no desembarque de um império armado em suas costas, se lhe teria sido possível manter aquele isolamento quando a Europa estava praticamente envolvendo seu país com colônias sob o domínio europeu. O momento era crítico. Aqueles que guiam os destinos humanos viram que os ideais orientais estavam em perigo de serem arrasados, e a Europa só ouviria lições por força da mão armada. Era necessário mexer na balança, e ela está mudando debaixo de nossa vista.

Mas o que são estes ideais orientais, considerados tão importantes pelas grandes inteligências que guiam os destinos das nações? Um dos mais importantes ideais orientais é o de que o mundo está sob um governo divino, que os destinos das nações são guiados a partir do mundo invisível. Nas terras orientais os mundos invisíveis sempre desempenham um enorme papel no drama da vida humana, seja sob forma do culto aos ancestrais tão prevalente no Japão, ou na mesma forma, um dos credos mais fortes da China; seja em uma forma modificada da mesma idéia nos sacrifícios diários aos Pitris na Índia, ou na forma do reconhecimento de inteligências não-humanas, como as que no ocidente são chamadas de Anjos ou Arcanjos. Lá é reconhecido haver uma poderosíssima, constante e diretiva ação sobre o mundo dos homens por parte de inteligências super-humanas que não pertencem à evolução humana.

Esta crença é universal no oriente. Não é uma mera fé oca; é uma crença ativa e atuante reconhecida na vida diária. Se no ocidente algum homem público, discutindo algum assunto de política pública, falasse a respeito das influências Angélicas como sendo algo a ser reconhecido pelos políticos, pode-se imaginar o tipo de comentário que apareceria nos jornais na manhã seguinte; mas no oriente é natural; o trabalho dos Devas, como os indianos chamam os Anjos, é parte do trabalho reconhecido do mundo, e cada nação tem seu regente no mundo invisível, guiando os governantes no plano físico. Quão completamente distinta é a atitude para com a vida entre os povos que assim consideram as inteligências super-humanas como constantemente se misturando nos assuntos humanos. Encontramos bastante esta crença, é claro, nos antigos Judeus, quando falam nos Anjos das nações. Encontramos alusões a eles nas Escrituras canônicas, algumas vezes veladas sob os nomes de Jeová, ou Elohim – traduzidos para o singular Deus, embora no hebreu sejam palavras no plural – não significando com isso o Deus supremo do universo, mas a Deidade tribal nacional, uma que hoje chamaríamos um Arcanjo. E que é assim fica óbvio quando encontramos na batalha travada por Israel contra forças oponentes, a Deidade foi capaz de vencer os povos das montanhas mas não os da planície, porque estes tinham carruagens de ferro, e aquele que seria capaz de conquistar os povos dos montes mas não sodas planícies seria “O Senhor”? Certamente não era a Deidade universal quem foi impedido em seus planos pela mera posse, por seus oponentes, de carruagens de ferro. Assim entre os primeiros Padres Cristãos, especialmente Orígenes, iremos encontrar muitas alusões a Anjos nacionais que pertencem a povos específicos e não ao universo em geral. É verdade que nos dias modernos no mundo

ocidental o nome de Deus seja freqüentemente invocado em querelas nacionais, e cada nação reivindique a ajuda como sendo possessão exclusiva sua. Mas outro dia ouvi um garotinho dizendo algo que me pareceu mostrar uma visão mais profunda sobre as verdadeiras relações de Deus para com os homens do que muitas das declarações feitas por governantes e estadistas, quando reivindicam que o sucesso das suas armas é prova do favor divino do Senhor de tudo. Pois ouvindo estes velhos discutindo a guerra agora em curso, e ouvindo uma opinião diferente sobre se Deus estava do lado dos japoneses ou dos russos, ele com sua vozinha juvenil falou assim: “Eu não acho que Deus lute a favor dos japoneses ou dos russos; nem penso que Ele lute por nós se formos para a guerra, embora é claro que possamos pedir-Lhe que o faça; pois Deus não está contra nenhuma nação, mas a favor de todas”. Que o governo divino seja levado a cabo por estes vários agentes subordinados, que freqüentemente lutam entre si como também lutam os homens no plano físico, é uma visão entretecida em cada fibra do pensamento oriental, embora tenha se desvanecido do ocidental. E aquele ideal dos mundos invisíveis se entremesclando nos assuntos dos homens era um dos que deviam ser salvos.

Esta visão de um governo divino moldou a idéia oriental do governo humano; sempre se pensa que o governo é conduzido de cima e não de baixo. A idéia de que um rei governa pela voz do povo e não pela autoridade divina está apenas agora abrindo caminho no pensamento oriental entre as nações influenciadas pelas idéias ocidentais. O resultado da visão de que quem senta no trono governa por eleição divina e não por sufrágio humano tem sido o de que em todo o Oriente a responsabilidade do superior pelo bem-estar do inferior tem sido um pensamento bem definido e estabelecido. Nós o encontramos por toda a literatura, embora esteja morrendo hoje. Confúcio, perguntado por um rei porque os ladrões eram tão abundantes neste país, replicou: “Se vós, oh Rei, vivêsseis honesta e justamente, não haveria ladrões dentro de vosso reino”. Novamente, em todas as antigas leis da Índia, encontramos o Rei, o governador, o regente, até o mais baixo oficial de vilarejo, tinha responsabilidade pela felicidade, saúde e prosperidade do povo que governava. Daí a dificuldade tão freqüente naqueles tempos de encontrar alguém que assumisse o posto de governante de um distrito, de uma cidade, ou de uma vila. Sendo estritamente responsabilizado, pela hierarquia governante diretamente até o próprio Rei, pela felicidade dos governados, o posto não era um leito de rosas, e havia menos satisfação do orgulho do que demandas de tempo e diligência. Pois grande como era o poder do Rei nas terras orientais, houve sempre algo por trás do seu trono, que era administrado por regentes invisíveis. Este algo é indicado pelo termo *Danda*, traduzido como *punição* por Max Müller em sua tradução das *Instituições do Manu*. Mas creio que a tradução verdadeira seja na palavra *Justiça* ou *Lei*, antes do que *punição* – Justiça sendo considerada um Devo regendo os reis mais rigorosamente do que os povos, de modo que onde o Rei governasse contra a Justiça, a Justiça o eliminava. Assim temos a famosa admoestação vinda dos lábios de um estadista Hindu para um jovem monarca, onde ele é alertado para temer acima de tudo os gritos dos fracos. “A fraqueza”, disse o estadista moribundo, “é o pior inimigo dos Reis. A maldição do fraco, as lágrimas do fraco, destróem o trono do opressor”. E este pensamento perpassa todas as antigas teorias de governo no oriente; de modo que mesmo hoje, na Índia, se houver fome, pragas, pestes, é o governo que é acusado pelas massas do povo. A antiga idéia é de que todo o infortúnio nacional é falta do governante que negligenciou seus deveres, e não falta dos governados. Uma tal idéia está completamente fora do âmbito de pensamento de um pensador ou estadista ocidental; e ainda, pela segurança do Império Indiano, é necessário entender o pensamento do povo indiano, e não meramente o pensamento do ocidente, e é preciso lidar com este pensamento pois ele está disseminado nas mentes das vastas massas da população inculta - inculta nos moldes ocidentais, mas não inculta em suas próprias tradições.

Passemos desta visão para o próximo grande ideal que encontramos do oriente, surgindo naturalmente a partir deste ideal de responsabilidade dos governantes para com os governados: a idéia de Dever. A palavra

“dever” não traz consigo a força do termo sânscrito “Dharma”, que significa muito mais do que isso. Significa a lei de todo o seu passado, a partir da qual o homem encarna no lugar para o qual sua evolução o preparou; a lei que, colocando-o ali, o cerca com todos os deveres necessários, por cujo cumprimento será dado seu próximo passo na evolução. Tudo isto está contido na palavra indiana “Dharma”. Vindo ao mundo, então, com o passado atrás de nós, somos guiados para ambientes inadequados. Nos deveres impostos ao homem por aquele ambiente está sua melhor via de evolução. Se ele os cumpre será bom para o progresso da alma; se os negligencia, o progresso para ele se torna impossível. Daí que o ideal social e político das nações orientais é construído sobre o dever, tomando-o no sentido mais estrito. O ideal aqui, é claro, é “direitos”. Um homem tem certos direitos com os quais nasce; esta idéia fez a Revolução Americana, e mais tarde a Francesa, e ainda mais tarde se tornou o pensamento básico dos escritores políticos e econômicos dos primeiros dias do século XIX; mas esta idéia de direitos não existe no oriente. Ela tem seu lugar na evolução, mas é uma idéia de combate, de competição, absolutamente necessária, com todos os seus acessórios desagradáveis, como um estágio no progresso da humanidade; mas é a própria antítese do ideal oriental, que vê um homem rodeado de deveres e é praticamente cego aos seus direitos. Nenhum homem seguindo um ideal oriental diz: “É meu direito ter isto e aquilo”. Dever, sim, dever para com tudo ao redor, para com inferiores, iguais e superiores, mas sempre dever, e não é desculpa para o dever negligenciado porque alguém não cumpriu seu dever para com outrem. Daí surge uma atitude inteiramente diferente para com a vida; daí a facilidade de governar os povos orientais. Mas eu não estou defendendo um ou outro ideal, mas somente tentando fazer todos nós percebermos a profunda diferença entre os dois, e o valor para o mundo deste ideal de dever, de modo que ele não deveria desaparecer inteiramente das mentes dos homens. O que isso pode fazer quando encarnado em uma nação o vemos pelos triunfos do Japão.

A partir deste ideal, novamente, surge um outro: o caráter relativo de toda a moralidade. Um homem nascido em certo ambiente de deveres encontra sua moralidade própria no desempenho dos deveres impostos sobre ele por seu ambiente. Daí sua moralidade irá variar com sua posição, com seu estágio evolutivo. Nenhum sábio ou pensador oriental sonha em estabelecer uma moral igual para todos; isto é uma fantasia puramente ocidental, e não funciona muito bem para todo o mundo. NO oriente a casta guerreira terá seu próprio conjunto de deveres e sua própria moralidade; a casta dos professores terá os seus próprios deveres e moralidade, muito diferentes da humildade do guerreiro; a casta mercantil terá seus próprios deveres e sua própria moralidade; e os camponeses e artesãos terão seu próprio código de ética e deveres. O servo tem seu código especial, com comparativamente poucos deveres inclusos – obediência, honestidade e bom serviço – mas estes deverão ser integralmente cumpridos. Fora disto, o que seria querido erroneamente não seria considerado errado para ele. As outras partes dos códigos morais encontrarão sua completude em vidas ainda a serem vividas. Não há pressa. Não precisamos tentar abranger a perfeição universal em uma única vida – a mais impossível de todas as tarefas impossíveis. Se aprendermos os deveres pertencentes ao nosso estágio e os cumprirmos bem, nosso progresso é seguro. Daí que o código moral irá variar conforme cada estágio. Tomarei um exemplo comum. Um asceta na Índia entrega tudo, terá se tornado o que no oriente seria chamado um monge do tipo mais extremo de pobreza. Ele não possui nada; deu sua vida para o serviço do mundo, e aqueles que guiam o mundo guiarão aquela vida. Ele só tem o dar. Já não tem cuidados com sua própria vida. Com esta visão de entrega absoluta vem também o dever de absoluta inofensividade. Ele não deve tocar em nenhuma vida que compartilha o mundo consigo. A cobra venenosa deve continuar viva, o tigre deve seguir incólume. Ele não deve usar nenhum poder da vida entregue para defender-se do ataque de nenhuma outra criatura; pois se a serpente ou o tigre chegam e o matam, eles vêm como mensageiros de detrás do véu para dizer-lhe que seu serviço neste corpo está terminado. Mas a mesma regra não se aplica ao chefe de família, ao homem que tem filhos para cuidar, servos para proteger, animais que são partes de sua propriedade. Ele, sendo o guardião das vidas mais jovens e desamparadas, deve ficar entre eles e

morrer, e é tanto seu dever matar a serpente intrusa, se ela os ameaça, quanto é o dever do Sannyâsin deixá-la passar ilesa. Disto surge muita confusão na mente ocidental ao lerem livros orientais, porque eles lêem como se se aplicassem a tudo, ideais que no oriente são associados ao seus estágios próprios de evolução – uma doutrina que no ocidente encontra pouca aceitação. E naturalmente é assim, entre os povos Cristãos, porque o Sermão da Montanha é difundido amplamente como a moral ideal, mas aquele ideal de não-resistência aplicado ao homem comum do mundo é impossível, e portanto desconsiderado. Quando um homem como Tolstoi o aplica para tudo à sua volta, as pessoas dizem que ele é um “excêntrico”. Certamente ele é bem pouco sábio. Nenhum Estado poderia viver sobre tais fundações, tão falsa para o cidadão quanto para o ladrão, verdadeira somente para o Santo. O falecido Arcebispo de São Petersburgo disse que uma nação fundada sobre o Sermão da Montanha muito logo seria desmantelada. Mas então não é uma lástima darmos o Sermão da Montanha como regra para todos os homens Cristãos? Pois o resultado é que, por mais que o reconheçam impossível para si, os leva a professar uma fé oca que não guia a vida. A visão da relatividade da moral é um outro dos valiosos ideais orientais que, então, podem ter algo a fazer e a dizer no ocidente.

O último grande ideal de larga importância que posso tratar aqui é o que é agora chamado de “vida frugal”, e de pobreza voluntária. Deve haver em uma nação algum padrão de posição social. Entre a maioria das nações ocidentais, desde os tempos feudais, o padrão de posição social tem sido um padrão de nascimento. Nos últimos anos isso tem se tornado muito misturado a um padrão financeiro, em parte porque grandes riquezas freqüentemente receberam um título que coloca seus possuidores entre aqueles cujos títulos lhes vieram pela longa ancestralidade, e em parte porque com o aumento da luxúria nestes tempos, a riqueza tem pesado cada vez mais como distinção social. O resultado disto pode ser visto amplamente na vulgarização da sociedade, na perda de modos nobres, majestosos e dignos. Um homem fazendo uma vasta fortuna não tem, como regra, tempo, vagar ou gosto pelo cultivo das faculdades mentais mais delicadas, e aquelas graças que acompanham uma cultura que vêm de séculos. E assim, gradualmente, no mundo ocidental, um novo padrão se afirma contra o padrão de berço: o padrão da grande riqueza. A sociedade está se adaptando às novas condições; nenhum Tennyson do futuro escreverá sobre

“Aquele donaire

Que distingue a casta de Vere de Vere”.

As maneiras da grande dama do passado de fato são passadas, e voz alta, riso barulhento, gestos comuns, tomaram o lugar do tom suave, da música baixinha do riso, da compostura cortês mas augusta dos líderes da sociedade, quando uma chave de ouro não abria todas as portas. E a mudança significa muito, pois

“Modos não são gratuitos, mas fruto

de natureza leal e mente nobre”

Uma aristocracia deveria ser a custódia dos modos elevados, postura dignificada, cultura artística, vida simples ou esplêndida, de acordo com a necessidade da ocasião, o sempre presente exemplo de “bom gosto”. Isso agora só é bem simbolizado pela motocicleta rugindo na estrada, descuidada da vida e do corpo, gritando seu direito de andar discorde, tremendo barulhentosamente e arfando furiosa, sem considerar conforto

nenhum além do seu próprio, espalhando fumaça e mau cheiro em tudo atrás de si.

Mas no oriente, a riqueza jamais foi considerada como um padrão de status social; ao contrário, o acúmulo de riqueza era função da terceira casta, e não da segunda ou da mais elevada. As castas guerreira e professoral não tinham o dever de acumular e possuir riqueza. O guerreiro devia ser generoso e esplêndido. Podemos encontrar ainda na Índia uma imensa ostentação de riqueza pelos governantes e príncipes em ocasiões de Estado; mas entrem em suas casas quando nenhuma grande cerimônia está ocorrendo, misturem-se a eles em suas vidas domésticas, e encontrarão lá uma vida simples – esplendor para as cerimônias de sua casta, simplicidade no serviço em casa. E quando da casta guerreira com seu esplendor público passamos à casta dos eruditos, a riqueza é considerada uma desgraça, e não como razão para orgulho. “A riqueza de um mestre é seu conhecimento”, está escrito. E a consideração social, deve-se lembrar, vai para o professor, e não para o milionário, de modo que tanto o milionário quanto o príncipe se curvam aos pés do erudito meio nu. Isso dá um padrão inteiramente distinto de vida social, e isso funciona ainda hoje efetivamente, com todas as mudanças que sucederam na vida indiana. O modo de vida comum, tão semelhante nas diferentes classes, reúne estas classes diversas de um modo jamais sonhado no ocidente. Manda-se buscar um homem na Índia para lhe vender uma manta. Ele entra em sua sala e senta-se num tapete perto de você. Ele brinca com suas crianças; ele fala com você como de amigo para amigo, até que o carregador chega também com as mantas para você escolher. Ele jamais sonharia em tomar o que aqui é chamado de uma liberdade; ele é muito bem educado. Encontra com você daquele modo não é tomar liberdades, mas é o reconhecimento de uma vida humana semelhante. Assim tudo corre bem; e por mais que a vestimenta e a comida sejam muito semelhantes nas diferentes classes, exceto onde a influência ocidental se espalhou, não existe a mesma agressividade e inveja que se encontra no ocidente, onde a vida do pobre é simples compulsoriamente, e a vida do rico é luxuosa e complicada. Ambos em suas casas usariam uma roupa só – mais refinada em um caso do que no outro, mas ainda uma veste simples e semelhante usada de modo similar; ambos sentam-se para comer de modo parecido, e a diferença nas refeições não são tão grandes como poderíamos pensar. Estas forças são o que fazem o refinamento geral do povo notado na Índia. Pode-se encontrar um homem que é apenas um trabalhador braçal, mas seus modos serão os modos de um cavalheiro. Um cavalheiro dá uma festa em sua casa, e qualquer um que passar em frente na rua pode compartilhar da diversão; parte da casa é reservada para convidados; a multidão não convidada fica fora dali, perfeitamente bem comportada e satisfeita. Encontra-se refinamento ali, porque o padrão para todos é tão semelhante nas coisas externas. Viver no luxo significa viver como os ocidentais, e entre o grosso do povo isso é antes reprovado do que aplaudido, embora haja um crescente desejo de imitar, que está ameaçando largamente corromper a antiga simplicidade da vida indiana.

Mas esta simplicidade de vida material que enfatiza o conhecimento, o caráter, o serviço, em vez da riqueza, quão bom seria para as nações ocidentais se isso também encontrasse alguma receptividade nelas! A pavorosa competição, a multiplicação de infundáveis artigos de luxo, o abarrotamento das casas com mobília inútil, e empilhando nessa mobília bugigangas ainda mais inúteis, de modo que quando se entra numa dessas peças é mais como um bazar do que uma sala – todas estas coisas que se vê por todo o lado não tendem ao embelezamento, mas à ostentação apenas. É a vulgarização do conjunto dos povos, e seu arrastamento para um nível inferior de vida. Significa mais competição, mais luta. Significa o pobre ficar mais pobre, enquanto o rico se torna mais rico; pois a multiplicação das necessidades e a invenção de novos objetos para satisfazer estas necessidades significa desviar o trabalho para canais inúteis, até que toda a vida se torna complexa e sobrecarregada. E ao mesmo tempo que eu não pediria que todas as vidas fossem tão simples como a melhor vida indiana, digo sim que seria muito bom para a Inglaterra, e para todas as nações ocidentais, se só aqueles que podem fazê-lo – o rico e o de alta posição, especialmente o de alta posição, ainda mais que o

rico – seguissem uma nobre simplicidade e uma beleza dignificada de vida, o que encorajaria a arte verdadeira mas desencorajaria a ostentação frívola, e trocaria a ostentação por beleza, e a luxúria por simplicidade.

Assim voltemos ao meu ponto de partida. Estes ideais do oriente estavam em perigo de morrer. A humanidade não poderia permitir que morressem. A energia ocidental, a iniciativa ocidental, a força de vontade ocidental que trazem consigo responsabilidade, são todas boas para a vida oriental, mas o ocidente tem muito a aprender do oriente assim como muito a ensinar, e o perigo mais que o crescente poder do ocidente no oriente matasse aqueles grandes ideais que mudam atitude do homem para com o mundo e para com a vida como um todo. E se o equilíbrio está sendo reordenado hoje, se por terra e mar uma nação oriental está conquistando uma ocidental, é porque o ocidente somente aprenderá a respeitar onde a força armada se impuser contra o ocidente, e os ideais orientais não têm chance de nada exceto de piedade e desprezo até que sejam levantados alto por uma mão que possa segurar uma espada, e mostrar-se tão forte no campo de batalha como o é nos domínios da mente.

OS DESTINOS DAS NAÇÕES

Na palestra anterior eu assinalei que certas grandes idéias, necessárias para a evolução da raça, podem ser ditas pertencer especialmente às civilizações do oriente, e que aquelas idéias estavam em perigo de serem arrasadas pelas civilizações ocidentais em avanço. Vimos que aquilo era um perigo para a humanidade a longo prazo, sendo necessários os ideais tanto das civilizações orientais quanto das ocidentais no futuro do mundo; e que tornou-se necessário que uma interferência definida tivesse lugar para restabelecer o equilíbrio de pensamento. Mas quero chamar a atenção para a natureza daquela interferência, para mostrar o que jaz por trás dos destinos das nações e que forças guiam a corrente das coisas, de modo que possamos ver, através do véu dos eventos, as forças que os dirigem. O grande drama mundial não é escrito pela pena do acaso, mas pelo pensamento do Logos, guiando Seu mundo ao longo da estrada da evolução. No curso desta evolução muitos seres são envolvidos. Temos que olhar para este mundo como parte de uma cadeia de mundos, todos intimamente interligados, tendo todos os habitantes destes diferentes mundos algo a dizer naqueles papéis do drama que estão sendo desenvolvidos em cada um. Todos nós estamos vivendo em três mundos diferentes, e não só em um; e seja no mundo físico, no astral, ou no terceiro, o mundo celeste, os habitantes estão ocupados com a condução geral das coisas que afetam todos os três. A vida se torna muitíssimo mais interessante quando reconhecemos que é moldada não só no mundo físico mas também nos outros, e que quando rastreamos os destinos das nações descobrimos que aqueles destinos se estendem para trás, e que seu desenvolvimento no presente é largamente condicionado pelas energias do passado.

Olhemos por um momento para o perfil geral do plano. Deixem-me apresentá-lo como se fosse um grande drama escrito por uma pena divina. A história do mundo, e os vários papéis dos atores em cena, estão todos escritos nele. O que não é definido é quem os atores hão de ser, e a respeito disto entra em jogo em grande proporção o que é chamado escolha. Este drama é a manifestação de certas grandes idéias na Mente Divina, idéias escritas, por assim dizer, nos céus; pois é sugerido, em um antiqüíssimo pensamento, que o que chamamos de signos do zodíaco têm uma relação definida com o curso dos assuntos humanos. Em linhas gerais, não há dúvida a este respeito nas mentes de qualquer um que tenha penetrado um pouco além do véu. A importância daquelas influências siderais não pode ser superestimada; pois uma vez que os seres

humanos estão relacionados, pela composição de seus corpos físicos e os outros mais sutis, aos mundos entre os quais se movem no espaço, deve haver relações magnéticas entre eles e o sistema de que fazem parte, e em certas épocas na história da evolução haverá uma ou outra influência dominando na atmosfera em que os homens pensam e agem, e eles não podem escapar daquela influência mais do que os seus corpos podem escapar da influência do sol distante. O grande drama, então, é o grande plano da evolução humana. Ele é pleno de papéis que devem ser representados pelas nações, mas não necessariamente por esta ou aquela nação; pois a nação se qualifica para representar um certo papel que pode ser oferecido a mais de uma nação, e uma ou outra pode se alçar à altura desta grande oportunidade.

Deixando isto por um momento, perguntemos sobre que forças auxiliam os atores em seus papéis. Será descoberta, no que parece ser o grande caos das vontades humanas, alguma força diretriz que une ator e papel? Também não se pode existir um drama vasto como o processo mundial, como a evolução, e então haver um grande abismo entre o Autor de um plano tão vasto e atores individuais que constituem as nações e escolhem os papéis.

Como o ator adequado é levado a entrar em contato com seu papel na história da nação, na história dos nascimentos e mortes sucessivas individuais? Este é o próximo ponto a ser compreendido.

Assim o vasto engenho de unir os papéis aos atores é encontrado nas hierarquias das inteligências super-humanas, reconhecidas em todas as religiões do mundo e no ensino oculto sobre onde se fundamentam. Nenhuma grande religião do passado ou do presente deixa de ver cercando o mundo e se mesclando em seus assuntos a vasta hierarquia de inteligências espirituais em cujas mãos é colocado o trabalho de reunir os atores e os papéis. Será visto, se nos voltarmos às religiões do passado, como elas reconheceram estes trabalhos como desempenhando uma grande parte na modelação prática dos destinos das nações. Nenhum dos grandes povos da antigüidade deixou de ter seus próprios “Deuses” nacionais.

A palavra “Deuses”, contudo, como usada na língua portuguesa, é muito enganosa, pois é aplicada não apenas àquelas grandes falanges de inteligências, mas também ao Supremo, o Logos, o Autor do drama. Porém nas nações que têm outras religiões além da Cristã esta confusão não existe. É quando o Cristão contempla aqueles a quem chama de “pagãos” que surge a maior das confusões, pois em toda a sua vasta teologia ele só usa a palavra “Deus”. Mas ele facilmente poderia escapar disto lembrando que sua própria cosmogonia é somente uma reprodução dos pensamentos mais antigos daqueles povos mais antigos. No oriente há um nome que é usado para estas inteligências – o nome “Devas”, derivado da raiz *div*, que significa brilhar, ou atuar, desempenhar uma função; assim a tradução seria seres brilhantes ou atarefados. Quando Bunyan tão amiúde usava o termo *Seres brilhantes*, ele estava usando uma frase muito oriental, pois é por este nome que o oriente conhece esta grande hierarquia de Inteligência. Entre os Cristãos e Muçulmanos, cujas religiões são baseadas largamente no Judaísmo, é usado o termo “Anjo”, sendo os termos “Anjo”, “Arcanjo”, “Querubim”, “Serafim”, e assim por diante, representados nas fés mais antigas seja pelo nome “Deva” ou por alguma palavra derivada. “Deus”, no sentido Cristão, é conhecido por outros nomes, e não surge nenhuma confusão.

Em todas as antigas religiões estes Devas desempenharam uma parte enorme, e cada nação possuía seu conjunto particular de Devas. Os egípcios consideravam certas inteligências super-humanas como seus primeiros legisladores, e a conexão entre o legislador humano, o Rei Divino, e o Deva, é sempre claramente assinalada. Toda civilização se ergue a partir de um pequeno grupo, em parte humano, em parte super-

humano, ao qual ela considera fundador e do qual deriva suas leis. Os gregos tinham seus Semideuses ou Heróis, e seus Deuses ou Devas. Do mesmo modo entre os chineses, os persas, os indianos, é encontrada a mesma idéia de a nação ter sido fundada pelo grupo que incluía o legislador humano e o Devo que trabalhava com ele na construção da nação. Celsus sugere que os Seres “aos quais foi delegada a função de superintender o país que estava sendo legislado, estipularam as leis de cada terra em cooperação com seus legisladores. Ele parece então indicar que tanto o país dos judeus, como a nação que o habita, são superintendidos por um ou mais seres, que cooperaram com Moisés, e estabeleceram as leis dos judeus” (Orígenes, *Contra Celsus*, V, XXV).

Assim, os Reis Divinos, os Heróis, passaram, mas o Devo permanece ainda à testa de cada nação, uma existência real nos mundos astral e celeste, com uma multitude de inteligências menos desenvolvidas debaixo de sua mão diretriz. E quando consideramos os Judeus, vemos esta idéia apresentada muito claramente nas suas escrituras. Para um pouco aqui, pois a frase que vou citar do Velho Testamento, do Deuterônomo, dá exatamente a idéia que eu quero tomar para falar sobre o desenvolvimento do destino de uma nação: “Quando o Altíssimo dividiu as nações, quando ele dispersou os filhos de Adão, Ele estabeleceu os limites de cada povo de acordo com o número dos anjos de Deus, e a porção do Senhor foi seu povo Jacó” (*Deut.*, XXXII, 8-9; *Septuaginta*). Para muitos leitores modernos a última parte desta frase, “o Senhor”, pode soar surpreendente, pois são acostumados a ligar esta expressão ao Deus Supremo; mas podemos ver que é o nome “Altíssimo” que indica o Logos, o Deus manifesto, e Ele divide todas as nações de acordo com o número de anjos, e a um grande anjo, “o Senhor”, Ele dá Jacó, Israel, como sua parte especial. Orígenes, tratando disto, alude às “razões relacionadas ao arranjo dos assuntos terrenos”, e assinala que na história grega “alguns daqueles considerados Deuses são apresentados como tendo lutado entre si por causa da posse da Ática”, enquanto que nos escritos dos poetas gregos também alguns daqueles chamados Deuses são representados como reconhecendo que certos lugares daqui são preferidos por eles antes de outros” (*Contra Celsus*, V, XXIX). E assim ele indica que o que está por trás da dispersão simbólica, na construção da Torre de Babel, é que diferentes nações foram dadas a estes grupos de seres celestes (*ibid.*, XXXIV). Esta idéia do “ministério dos anjos” é muito conhecida entre os primeiros Cristãos; assim temos em Hermas a visão da construção de uma torre:

“E eu, respondendo, disse-lhe: Estas coisas são muito admiráveis; mas, Senhora, quem são aqueles seis jovens que constróem?”

“Eles são, ela disse, os anjos de Deus, que foram primeiro indicados, e a quem o Senhor confiou todas as suas criaturas, para moldá-las e conformá-las, e para governar sobre elas. Pois a construção da torre será finalizada por eles.

“E quem são os restantes que lhes trazem pedras?”

“Também são os santos anjos de Deus; mas os outros são mais excelentes que estes. Assim quando todo o edifício da torre for acabado, todos festejarão ao lado da torre e glorificarão a Deus, porque a estrutura da torre estará pronta” (*Hermas I*, Visão III, 43-46).

Clemente (*Epístola 1*, XIII, 7), cita o texto acima. Também a seguinte citação sobre Jesus, feita por Satã ao Príncipe do Inferno, é digna de nota: “Quanto a mim, eu o tentei, e suscitei meu velho povo Judeu com zelo e ira contra ele” (*Evangelho de Nicodemus*, XV, 9). Os Judeus estavam sob Saturno, ou Jeová, de acordo com

Orígenes. A mesma idéia é ensinada entre os Muçulmanos. Eles consideram os anjos como tomando uma parte muito ativa nos assuntos dos homens. E mal é necessário lembrar-lhes que nos grandes poemas épicos da Índia, o Mahâbhârata e o Ramâyâna, encontramos os devas se misturando aos assuntos dos homens, de modo que quando grandes pendências estão para serem decididas eles manifestamente tomam parte na contenda, cada um lutando pela tribo ou nação particular posta em suas mãos para evoluir. Um correspondente, Tudor Pole, de Bristol, me diz que há uma antiga lenda Teutônica de que na véspera de Ano Novo todos os “Regentes Internos”, os Anjos das nações, reúnem-se em assembléia diante do Concílio dos Deuses para receber suas ordens para o próximo ano; cada um tem sua petição a fazer sobre o destino de sua nação durante o próximo ano; o Concílio arranja o papel que de cada nação deverá desempenhar durante o ano subsequente, e os Grandes Senhores são consultados. Finalmente, os Regentes se dispersam, alguns com música e júbilo, outros chorando, alguns em grande agonia.

Na Grécia há muita mistura de homens e “Deuses”, e os gregos, a despeito de sua filosofia, toma o assunto como real, e não como um conto de fadas, embora os filósofos na Grécia, assim como entre os Hinduístas e os Budistas, não adoram estes “Deuses”. No VII livro da *Odisséia* lemos como “Minerva encontrou Ulisses disfarçada de jovem donzela segurando um cântaro”, e ela o guia até o local onde está Alcínoo, um local guardado, à moda Atlante, por cães imortais de ouro e prata, feitos pela mente de Vulcano. E novamente é assim em muitas outras lendas, escritas quando as mentes humanas eram menos cegas do que são hoje.

É claro que nos tempos modernos esta idéia desapareceu, e deve parecer como um conto de fadas aos leitores modernos quando alguém traz tais pensamentos para junto do que pode lhes parecer as coisas, tão mais reais – as batalhas dos Reis, e a política do mundo moderno. Mas ainda por trás de tudo isto as forças coordenativas ainda continuam a operar; e quando chega o tempo de uma nação desempenhar um papel triunfante na história corrente do mundo, então, muitos anos antes do tempo do triunfo, são guiadas pelo Deva para aquela nação almas que são adequadas para sua construção e na direção da luta futura. E quando chega para uma nação o tempo de afundar na história corrente do mundo, para lá são guiadas almas fracas, subdesenvolvidas, cruéis, tirânicas, que se preparam para preencher aqueles papéis de atores assim no grande drama nacional. Mantenhamos, então, esta teoria em mente: o drama de um lado, e aquele grande agente coordenador de outro, guiando os atores auto-escolhidos para seus papéis indicados.

E agora olhemos para algumas das próprias nações, e vejamos quão a longo prazo os destinos que estão desenrolando se encaixam nesta visão de uma mão diretriz por trás do véu. Tomemos por exemplo a construção de um poderoso império ocidental, de modo que a grande Quinta Raça, com sua evolução da mente concreta, poderia desempenhar sua parte no drama em benefício da humanidade em geral. E vejamos, se pudermos, se certas correntes definidas não podem ser rastreadas de modo que demonstrem um plano definitivamente desenvolvido, e não meramente a mistura das vontades, ambições e egoísmo caóticos das nações.

Este papel de uma nação, de elevar-se alto acima das nações do mundo, foi lentamente preparado. A primeira nação à qual este papel foi oferecido foi a Espanha, que esteve se preparando para ele por uma evolução muito acentuada e extraordinária. Nela foi derramado o grande caudal de conhecimento que se ligava à moribunda filosofia da Grécia, e que derivou suas riquezas das escolas Neoplatônicas; no sul da Espanha chegou a grande incursão da Arábia, rica com todo o conhecimento trazido das grandes escolas de Bagdá, que se espalhou pelo sul da Espanha e depois por toda a Europa. Para lá foi levado Colombo, que lhe possibilitou expandir suas tropas conquistadoras através do Atlântico e subjugar o novo mundo ao seu cetro imperial. Como a Espanha abordou esta estupenda oportunidade? Na esteira de Colombo veio o exército,

sujeitando o México e o Peru ao seu domínio, e destruindo suas antigas civilizações, decadentes e prontas para a destruição. Ela havia tomado sobre seus ombros a tarefa de construir naquele novo mundo uma civilização baseada na sólida fundação lá deixada pela Atlântida, capaz de suportar a estrutura dos novos pensamento e conhecimento. Todos sabem como ela perdeu sua oportunidade, como ela expulsou de suas terras os mouros e Judeus, os herdeiros do conhecimento, da filosofia e da ciência; e como, no novo mundo, com sua avidez pelo ouro, não cuidou dos povos colocados em suas mãos, mas arrojou-os no pó. Assim seu papel no drama lhe foi retirado e oferecido a um outro povo.

Uma outra nação se tornou candidata – uma nação que, com muitas faltas, tinha também muitas grandes virtudes. A Inglaterra, espalhando sua raça, mais e mais subjugava terra após terra. Ela obteve a oferta de um império mundial através de um ato de justiça nacional – a libertação dos escravos, acompanhada pelo grande ato de justiça nacional que não sacrificou uma só classe, mas colocou o peso da libertação sobre toda a nação. Por isso, àqueles que guiam seus destinos foi oferecida a possibilidade de domínio mundial. Todas as nações que tentaram se estabelecer naquela grande terra do oriente, a Índia, falharam uma após outra, até que a raça inglesa pôs seus pés lá. A história desta conquista não é agradável de ler, e muitos crimes foram cometidos; mas no todo a nação tentou fazer o melhor e corrigiu as opressões cometidas na Índia – então fora de controle – como atesta sua atitude em relação ao seu procônsul, Warren Hastings, quando por seus maus atos ela o colocou em julgamento diante do mundo. Assim, a despeito de muitas faltas, lhe foi concedido subir mais e mais no mundo oriental, em parte também porque ela ofereceu, com suas colônias em expansão e sua língua, o mais efetivo instrumento mundial para a disseminação do pensamento oriental entre as nações do ocidente. Todos sabem o quanto isso se estendeu, o quanto na América do Norte, na distante Australásia, assim como em suas novas terras, o pensamento e a filosofia orientais penetraram em toda parte, de modo que os tesouros do conhecimento Sânscrito, mantidos tão ciosamente até que chegasse o tempo de sua dispersão, agora estão sendo espalhados sobre a superfície do globo.

Continuamente, com lições sempre repetidas, aqueles Grandes Seres, que guiam a nação, estão tentando imprimir sobre a Inglaterra a lição de que só pelo direito uma nação pode ser exaltada na longa estrada. E em um momento crítico, quando o luxo estava ficando demasiado debilitante, demasiado egoísta, a terrível lição da África do Sul brandiu sobre a consciência inglesa as lições de que o dever e o direito devem vir antes da luxúria. Através do fogo do desastre foi ensinada uma lição à Inglaterra, a qual, queira Deus, tenha sido aprendida para seu rumo futuro.

E então vem a questão de que nação deveria ser escolhida para o trabalho de reerguer aqueles ideais do oriente. A Índia, nesta etapa da história mundial, não poderia prestar o necessário serviço; ela estava aprendendo suas lições debaixo de um conquistador, mas havia uma nação no extremo oriente que tinha a possibilidade de aprender a lição, e os Devas da nação começaram a se interessar na tentativa de treinar naquela ilha distante um povo que deveria ser apto para a grandiosa tarefa de reerguer o pensamento oriental, de mostrar que a conquista poderia passar de mão em mão com gentileza e autocontrole, e que uma nação poderia transformar-se em um grande poderio sem perder seu senso de dever. O trabalho começou com uma mudança na educação do povo, que poderia tornar uma nação consciente de si mesma, e então no solo assim preparado nasceu um grupo de almas heróicas. O Mikado [título do Imperador - NT] do Japão, uma grande alma, pronta para encarnar para aquela nação sua própria grandeza, pronta para usar um poder tal que no espaço de breves anos ele poderia transformar a nação, colocá-la em nova forma, desenvolver nela forças desconhecidas, e ao mesmo tempo apresentar uma personalidade tão esplêndida que toda a nação a olhou como Governante por Direito Divino, daquela pessoa sagrada fluíram os poderes que a nação espelhava, cada triunfo refletindo uma nova glória em sua personalidade. Em torno de si se reuniram

eminência após eminência, para o trabalho de elevar a nação, até que em cada posto de importância vemos um estadista, um general, um almirante, pronto para conduzir o país de triunfo em triunfo. Um grupo de almas fortes é guiado a encarnar ali, a fim de que a nação pudesse cumprir seu destino; pois nenhuma nação pode ser grande a não ser que no centro haja um ideal, e uma perfeita lealdade e devoção. Isto não é uma frase de efeito, mas ecoa um sentimento profundo no coração do soldado e do general, quando agradecem seu Governante pela vitória no campo de batalha, e com a devoção oriental dizem que ele é o representante de Deus entre eles.

Olhemos para outra nação no grande duelo que está sendo travado na Ásia oriental, e vejamos quão estranhamente a Rússia, uma nação com um grande futuro à sua frente, está sendo guiada através do horrível vale da humilhação. A preparação para este papel calamitoso no drama jaz no que sucedeu antes, ainda durante nossas vidas. Houve um momento, há vinte ou trinta anos, quando uma maravilhosa oportunidade entrou no caminho da Rússia. Embora mal avaliada, houve um nobre impulso por baixo da libertação dos servos, e havia a possibilidade de que aquele ato pudesse ser transformado em um bem para a nação, elevando-a, em vez de levá-la diretamente à destruição como ocorreu. E assim ocorreu, dentre muitas almas encarnadas então entre os nobres da Rússia, uma das coisas mais maravilhosas que o mundo já viu – uma revoada deles para fora de suas próprias posições em direção aos pobres, os ignorantes e os oprimidos, uma doação de si mesmos por parte dos jovens da nobreza para a elevação do povo, não por uma caridade fútil, mas por um maravilhoso impulso do mais extremo auto-sacrifício. E como isto foi impedido? A divina compaixão daqueles rapazes e moças foi barrada pelas fortalezas de Pedro e Paulo, pelas minas, pelos desertos e neves da Sibéria. Não foi cometido nada mais terrível por um governo de qualquer povo nos dias de hoje. E terrível foi a Nêmesis. Conduzidos pelo desespero, suas tentativas de soerguimento do povo com toda a gentileza se depararam com o chicote de aço e com as masmorras subterrâneas, com a fome para os homens e a desonra para as mulheres; assim, admira que alguns tenham enlouquecido? Admira que alguns deles, depois de anos de paciência, de sofrimentos os mais cruéis, tenham respondido ao chicote com bombas? Este estado de coisas foi criado em primeiro lugar pela burocracia, e não pelas vítimas. Milhares de milhares daqueles que teriam redimido a Rússia morreram no patíbulo, foram mortos naquelas pavorosas minas, até que enfim a paciência dos Deuses se exauriu, e chegou o tempo de o governo aprender que os governos existem para ajudar e não para esmagar seus povos.

Deste modo a Rússia escolheu, por seu passado, este papel terrível que está agora desempenhando no palco do mundo. Contra ela estão todas as forças progressistas; contra ela, do mundo astral, todos os que ela mandou para lá antes do tempo – todos os seus mártires, todas as suas vítimas, estão lutando contra ela. Daí o registro de uma derrota exemplar. E em sua casa, revolução, anarquia, assassinatos e motins estão ameaçando sua estrutura de governo por todos os lados, tanto que para a Rússia, no momento, só existe como caminho este vale da Sombra da Morte, a ser trilhado do começo até o fim; e com dor no coração, mas com mãos firmes, seus guardiães angélicos a guiam através da derrota e do desastre, desejando que seus protegidos aprendam suas lições qualquer que seja o preço a ser pago. Pois para aqueles olhos claros a agonia da nação neste momento importa pouco, comparado às lições que são aprendidas através desta agonia; e até que a própria tirania seja esmagada, e os governantes da Rússia aprendam seus deveres para com o povo, ela deve andar debaixo da ira divina. E vejamos como a Rússia se preparou para isso. Entre seus governantes nenhum homem forte; fraqueza e incerteza por toda parte, mudando a política a toda hora. Macula o governo aquele que deveria ser o pai, mas é o tirano de seu povo – talvez não um homem mau em si, mas completamente inadequado para seu posto. É parte do destino de uma nação que, quando chega a hora de seu colapso, ninguém senão fracos nascem em suas classes governantes, de modo que aqueles que não deveriam governar possam perder o poder de governar. E naqueles terríveis campos de batalha de que

lemos notícias nos jornais diários, haverá algo mais patético do que a intrépida coragem dos soldados, e a desesperada incompetência dos oficiais? Não é que os soldados não lutem, mas eles são dirigidos por homens que não sabem dirigir.

É assim que as nações são guiadas de cima, e para a nação que deve afundar são guiados aqueles que inevitavelmente a arrastam para baixo. O mesmo foi o caso da Espanha – um Rei criança, e nenhum homem capaz entre os Ministros, que pudesse guiá-la corretamente na luta com Cuba e América. E como são escolhidos estes líderes? São escolhidos por suas próprias vidas no passado. Um homem é disposto com altruísmo, bravura, nobreza, e um tal homem, nas incontáveis escolhas de sua vida diária, está fazendo a escolha do papel esplêndido que depois na humanidade ele deverá desempenhar. E do mesmo modo aqueles que são grandes por fora, mas encenaram um papel sórdido. Pelos incontáveis egoísmos e preferências de si mesmos, por tomar sempre o caminho mais baixo em vez do mais alto, estes homens também escolhem seus papéis na história.

É assim que o ocultista olha para a história humana, e vê se preparando em torno de si por todos os lados os homens e mulheres que deverão ser os atores do futuro nos papéis mais proeminentes do drama mundial. Nós escolhemos por nós mesmos. Nós aprontamos a nós mesmos para a glória ou para a vergonha, e do modo como nos tivermos preparado inevitavelmente seremos. Daí se segue que para uma nação ser grande seus cidadãos devem lentamente construir a grandeza em si mesmos. Daí é que a grandeza que vemos hoje no Japão é uma grandeza que podemos reconhecer entre os homens e mulheres comuns, que estão querendo sacrificar tudo o que é mais caro para o bem de seu país e a glória de seu Líder.

Do mesmo modo com a Inglaterra, se ela há de desempenhar o grandioso papel que está diante dela no futuro próximo. Ela deve educar seus filhos e filhas sobre modelos heróicos, colocando a justiça acima da luxúria, pensamento acima da diversão; escolhendo o estrênuo, o heróico, o auto-sacrificado na vida cotidiana, e não frívolos desfrutes, luxos mesquinhos, e gratificações sensuais miseráveis; com tijolos podres não se pode construir nenhum grande edifício, e com material pobre nenhuma grande nação pode ser formada. Os destinos das nações estão nos lares de que a nação é constituída, e homens, mulheres e crianças nobres têm neles a promessa da futura grandeza nacional. E do mesmo modo que melhorarmos nossas condições, almas mais excelsas e evoluídas encarnarão entre nós. Enquanto tivermos favelas e ambientes miseráveis estaremos fazendo moradas para almas subdesenvolvidas, a quem atrairemos para dentro da nação. Debaxo da terra cresce a raiz, de onde vêm a flor e o fruto, e pobre será a ciência horticulora que coloca uma raiz podre no chão e espera dela uma flor perfeita e um fruto esplêndido. Se havemos de ter a Inglaterra grande entre as nações, e fazer seu destino um destino imperial como serva da humanidade em geral, devemos cultivar o solo do caráter, plantar as raízes boas da vida nobre, simples e justa, e então o destino é inevitável, e a nação será escolhida para um papel imperial no drama do mundo.

